Folha Informativa Nº11

PERÍODO 5 (ABRIL E MAIO 2022)

PROJETO SERTÃO CARIOCA
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA

Divulgação das ações do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta

Um olhar agroecológico para o Turismo no Maciço da Pedra Branca

GENTE QUE FAZ O PROJETO

Turismo e Sustentabilidade

PÁGINA 6

DIÁRIOS DE CAMPO

Turismo de Base Comunitária e Museologia Social nas Comunidades Quilombolas

PÁGINA 29

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Ampliando Horizontes Para o Turismo no Rio da Prata de Campo Grande a Partir da Perspectiva do Uso Público no Parque Estadual da Pedra Branca (RJ)

PÁGINA 16

Agroecologia, conservação da floresta e intercâmbios no Maciço da Pedra Branca

PÁGINA 48

Programa de Educação Ambiental e Combate ao Racismo para as Infâncias

PÁGINA 67

REALIZAÇÃO

AS-PTA agricultura familiar e agroecologia

PATROCÍNIO

PETROBRAS

Um olhar agroecológico para o Turismo no Maciço da Pedra Branca

Ações com foco específico no Turismo de Base Comunitária (TBC) em comunidades dentro e no entorno de unidades de conservação têm sido cada vez mais frequentes. A expressão “de base comunitária” está relacionada à forma de organização e ao modelo de gestão do turismo, podendo estar atrelada a diferentes possibilidades de arranjos institucionais e segmentos, como o ecoturismo, o turismo rural e o turismo cultural.

A participação das populações locais no processo de planejamento, implementação e avaliação de iniciativas e projetos de turismo é essencial para a sustentabilidade das ações propostas e para a garantia ética de conservação do patrimônio natural e cultural. Um planejamento adequado do turismo requer o conhecimento do ambiente no qual a atividade acontecerá. Quem melhor do que os moradores do local para saber quais as necessidades particulares e desejos dos anfitriões?

Infelizmente, predomina ainda uma perspectiva do turismo enquanto negócio, e normalmente as atividades são promovidas por atores e atrizes externas à localidade. Já são conhecidas as consequências que um turismo compreendido apenas como negócio pode gerar: aumento descontrolado do número de visitantes e turistas, descaracterização da paisagem local, degradação do patrimônio natural, cultural e histórico, lixo e poluição, especulação imobiliária, aumento de preços, aumento de violência e criminalidade.

Indo na contramão de um turismo predatório, já despontam algumas iniciativas de TBC no Maciço da Pedra Branca, que tendem a favorecer a coesão e o laço social. Promovem o sentido de inclusão, a valorização da cultura e das tradições locais e o sentimento de pertencimento, representando a interpretação local do turismo. No Quilombo Cafundá Astrogilda e no Quilombo do Camorim, por exemplo, são desenvolvidas atividades de turismo pedagógico junto às escolas e universidades, planejadas e organizadas pelas lideranças locais.

Assim, o TBC está relacionado à perspectiva de desenvolvimento local. Tendo isso em vista, através do Projeto Sertão Carioca temos

buscado fortalecer iniciativas locais em curso, criando condições para que outras iniciativas territoriais em base sustentáveis floresçam. Estão sendo promovidas ações de identificação de trilhas, cachoeiras, ruínas e pontos de interesse ambiental e cultural no território. Também está na etapa final do curso de condutores de visitantes, em parceria com o Instituto Estadual do Ambiente.

A fim de apoiar a geração de renda e valorização da produção local, caminha junto com essas iniciativas a estruturação de uma linha de produtos da sociobiodiversidade local e o fortalecimento de feiras e pontos de comercialização local a partir da Campanha Produtos da Gente.

No Quilombo Dona Bilina, um ecomuseu está sendo constituído a partir da perspectiva de preservar as raízes identitárias do território, valorizar a história local e seus patrimônios, produzir conhecimento a partir de seus moradores e buscar melhorias sociais. Esta iniciativa busca também atuar na geração de renda e trabalho através de ações museológicas de valorização das realidades, saberes e produtos locais.

Temos buscado fortalecer as incontáveis potencialidades das comunidades do Maciço da Pedra Branca. A partir dos encon-

tros, do compartilhamento e aprendizagem mútua, participamos da construção de identidades projetadas a partir das memórias e territórios. Identidades essas, que podem assegurar o desenvolvimento de um turismo de bases sustentáveis. Neste informativo, você conhece algumas delas.

Boa leitura!

Ingrid Pena
Coordenadora do Projeto Sertão Carioca
e Turismóloga

Turismo e Sustentabilidade

O turismo não acontece apenas nos espaços físicos, mas também na memória, na ideia de relembrar os costumes e a musicalidade local. Os cultos e os lugares onde ocorriam os bailes, os cantos, as rodas de calango, aproximam os visitantes das raízes do lugar. Além de valorizar histórias e memórias, o turismo se trata de uma economia que gera renda e movimenta serviços. O turista gasta com serviços de alimentação, estadia, deslocamento e passeios, e desse modo, fortalece a geração de renda das comunidades visitadas.

Pensando em alavancar a economia do turismo pós-pandemia, a Organização Mundial do Turismo lançou as diretrizes globais para a reabertura do turismo. Os protocolos levam em consideração a segurança e a proteção dos viajantes em relação às exigências sanitárias. As mensagens do órgão internacional incentivam a visitação em paisagens naturais e locais abertos, trazendo ainda reflexões sobre o viajante em condições de mobilidade reduzida, procurando ampliar a acessibilidade das atividades turísticas.

Uma outra importante dimensão do turismo é o conceito de hospitalidade, que é um valor comum da atividade turística e consiste em receber bem os viajantes, possibilitando empatia e o compartilhamento sobre a cultura e sobre os saberes tradicionais do ambiente. Este fator é bastante associado ao setor hoteleiro e ao mercado do turismo. No entanto, a hospitalidade é um valor que se faz presente principalmente no âmbito pessoal, imbuído pelo zelo e atenção entre hospedeiros e viajantes. Frases simples como “Seja Bem-Vindo(a)!” abrem portas para boas relações e caracterizam um serviço de qualidade.

Para que o mercado do turismo permaneça aquecido é preciso seguir protocolos de preservação. O turismo predatório abre discussões sobre o interesse de lazer ligado ao consumismo desenfreado. Por meio de campanhas educativas é preciso gerar a conscientização sobre os monumentos e tesouros locais, a beleza natural, a cultura e a preservação do meio ambiente. Deste modo, estimulamos um turismo sustentável comprometido com o bem estar e com as comunidades visitadas.

Turismo no Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB)

O turismo que acontece dentro das trilhas, cachoeiras e monumentos do PEPB,

muitas vezes, é feito por condutores e visitantes que moram em bairros vizinhos e desejam conhecer a realidade das comunidades situadas ao redor do parque. Neste contexto, o turista foge do conceito tradicional de um estrangeiro que visita outro país, e ele mesmo é parte do ecossistema que visita.

O passeio oferecido nas comunidades ao redor do parque deve ser feito com condutores bem instruídos que saibam os limites de exploração e o equilíbrio do ambiente natural. Muitas são as riquezas a serem visitadas dentro do PEPB. Observar a riqueza local e ter um morador para contar a representatividade de espécies nativas, os símbolos da cultura popular e as tradições religiosas é um diferencial a ser aproveitado no contexto do ecoturismo da região.

A aproximação do visitante pela mediação de um condutor local gera reconhecimento e identificação com a cultura das comunidades quilombolas do Maciço. A experiência turística é enriquecida com o compartilhamento das vivências e dos ensinamentos sobre o estilo de vida da comunidade.

O turismo de base comunitária (TBC) vem adquirindo cada vez mais visibilidade como uma alternativa de turismo e lazer, pois ele é realizado em bases sustentáveis, e segundo o compromisso ético de

justiça e do direito ao território. Ele está vinculado ao interesse dos visitantes pelas dinâmicas culturais e pelos modos de vida das comunidades receptoras.

Manuela Tambelini
Gerente de visitação, Negócios e Sustentabilidade do Instituto Estadual do Ambiente (Inea).

No contexto de Formação do Curso de Condutores Locais, em andamento pelo projeto em parceria com o Instituto Estadual do Ambiente (Inea), moradores da região do Maciço da Pedra Branca estão sendo credenciados para desenvolver a atividade de condução. Muitos deles, já possuem uma trajetória comprometida com o desenvolvimento de um turismo responsável. Conheça alguns!

Adilson Almeida, iniciativas de ecoturismo e turismo pedagógico no Quilombo do Camorim

Adilson Almeida é líder quilombola, nascido e criado no quilombo do Camorim e condutor da Associação Cultural do Quilombo do Camorim (ACUQCA). A partir de seu trabalho, Adilson organiza

a mobilização social por meio de oficinas de saberes ecológicos e resgate de práticas culturais com moradores de seu território. Descendente de negros escravizados, Adilson carrega consigo a resistência da cultura afro-brasileira por meio da relação com a terra, com o jongo, com a tradição agroecológica e muitas outras atividades praticadas em sua associação.

Em 2014 a Fundação Cultural Palmares reconheceu a auto-identificação da comunidade como Quilombo do Camorim, e o Sítio Arqueológico do Engenho do Camorim foi tombado pelo IPHAN. Adilson conta que o território é o mais antigo quilombo do estado do Rio de Janeiro, registrado nos diários oficiais da cidade por volta de 1614.

As iniciativas ambientais na ACUQCA incluem o ecoturismo e turismo pedagógico com jovens e crianças, envolvendo educadores e estudantes da educação formal e informal, ações de combate ao racismo e a implementação de uma horta comunitária com o intuito de combater a insegu-

Sítio Arqueológico do Engenho do Camorim

rança alimentar e propagar os saberes de cuidado com a terra.

Flávio Morais, trilhas no Rio da Prata

Biólogo, ativista socioambiental, guia de turismo ecológico e colaborador da associação comunitária Remanescentes do Quilombo Dona Bilina, Flávio Morais tornou-se um militante a partir das relações com as comunidades tradicionais e ONGs de valorização do meio ambiente. Em suas atividades junto ao quilombo situado no Rio da Prata, Flávio colabora com mutirões de horticultura, incentivos de resgate da memória quilombola, oficinas de capacitação em saberes ambientais em busca da geração de renda local e a segurança alimentar e nutricional, além de passeios pelas trilhas da comunidade situada no entorno do PEPB.

Flávio Morais é nascido e criado na comunidade de Caiçara de Charitas/Jurujuba em Niterói, no estado do Rio de Janeiro. Durante a sua adolescência, era fascinado com os passeios nas trilhas e morros da região. Com a divulgação da Conferência Rio 92, Flávio passou a se interessar pelo tema

Flávio Morais

da preservação ambiental, aprendeu novos ideais relacionados ao meio ambiente e optou pela formação em Biologia no Centro Universitário São José, em Realengo.

Como professor, biólogo e condutor de trilhas no Quilombo Dona Bilina, Flávio passou a colaborar com ONGs como S.O.S Mata Atlântica, Projeto Rondon, Trilha Transcarioca, Fóruns de Proteção Animal e, também, o PROJOVEM adolescente. Flávio Morais é parceiro do Projeto Sertão Carioca e promove com suas relações, dentro das comunidades quilombolas, a valorização da cultura e dos costumes locais em defesa da Agricultura Urbana e da diversidade ecológica.

Jorge Junior, guarda-parque do PEPB

Guia turístico, guarda-parque, graduando em Turismo e oficineiro do curso de condutores de visitantes do PEPB, Jorge Junior - ou JJ, como é apelidado - trabalhou na produção do guia de trilhas do parque. Com sua experiência de mais de dez anos na condução de visitantes, Jorge tem um panorama

Jorge Junior

geral das características florestais do PEPB, que envolvem o conhecimento das diversas espécies de plantas e animais endêmicos da região. Como educador, Jota apresenta de forma interdisciplinar os aspectos e pontos referenciais da unidade de conservação, contando sobre seus limites, suas conexões, sua diversidade e a história de implementação.

Jorge afirma que existe um diferencial em formar alunos que vivem nas comunidades situadas ao redor do parque. Segundo o guia turístico, esses condutores conhecem bem a região onde moram e seus conhecimentos serão um diferencial para os visitantes e interessados em trilhas.

Giovanna Berti, mobilizadora social e artesã

Giovanna Berti é mobilizadora social, culinarista e artesã colaboradora da Rede Carioca de Agricultura Urbana (Rede CAU). Com atividades junto aos quilombos cariocas situados nas Vargens, seu trabalho é baseado na defesa dos direitos humanos e da soberania alimentar. Giovanna é figura presente no

Giovanna Berti

Tira Caqui, evento anual colaborativo de colheita do caqui, fruto abundante do Maciço da Pedra Branca. Neste contexto, colaborou como condutora nas trilhas até os sítios de agricultores familiares do território.

Giovanna é participante da Teia Solidária da Zona Oeste, coletivo popular que une projetos de fortalecimento de mulheres chefes de famílias na luta contra a vulnerabilidade social e alimentar. Entre os temas de apoio do coletivo, estão a autonomia de mulheres negras, a economia solidária e a efetiva participação política nos eventos públicos sobre o reconhecimento da cultura agroecológica de base familiar.

Na Feira da Roça de Vargem Grande, Giovanna produz itens a partir de materiais reciclados, e comercializa placas decorativas e militantes em defesa dos pequenos produtores locais e da agricultura familiar.

Nesta edição, trazemos o texto publicado na Revista Turismo em Análise – RTA, em 2020, das autoras Maria Amália Silva Alves de Oliveira, Ingrid Almeida de Barros Pena e Roberta Peixoto. O trabalho apresenta o conceito de Uso Público relacionado aos principais desafios e potencialidades do turismo que ocorre na vertente do Rio da Prata, que fica na Unidade de Conservação do Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB), no bairro de Campo Grande, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Os dados trazidos contemplam a percepção de condutores, visitantes e agricultores que vivem na região do Rio da Prata. Confira!

Ampliando Horizontes Para o Turismo no Rio da Prata de Campo Grande a Partir da Perspectiva do Uso Público no Parque Estadual da Pedra Branca (RJ)

Sob o prisma do Uso Público, o presente trabalho investiga o processo de turismização da vertente do Rio da Prata do Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB). Essa abordagem pressupõe que o saber produzido na vivência dos processos turísticos têm relevância para o planejamento e para a gestão de atividades de visitação do PEPB, atividades estas que têm como fim a dimensão da conservação.

A partir das informações coletadas, as autoras discutem as representações de turismo, as oportunidades e os desafios relacionados ao Uso Público.

No Brasil, as Unidades de Conservação (UC) são consi-

Cruzeiro da Missão Popular fica em uma das trilhas que podem ser feitas no Parque Estadual da Pedra Branca, na vertente do Rio da Prata

deradas territórios de excelência para o desenvolvimento do ecoturismo (Fontoura, 2014). A forma de utilização e aproveitamento das UC por meio da visitação, qualquer que seja a motivação, é conceituada pelo termo “Uso Público” (UP). Esse é o modo pelo qual se estabelece, de acordo com Rosa (2017), a integração entre espaço natural e moradores, visitantes, educadores e pesquisadores, favorecendo a incorporação deste pela sociedade e viabilizando agregar valor social à UC, de acordo com os princípios de conservação da biodiversidade e desenvolvimento socioeconômico.

Métodos e Técnicas de Pesquisa

Para o desenvolvimento do trabalho, foi feita uma revisão da literatura sobre o PEPB, com foco na vertente do Rio da Prata, em artigos científicos, teses e relatórios técnicos. As plataformas de busca utilizadas foram Scielo e Google Scholar. Também foram selecionados trabalhos a partir da consulta com pesquisadores que participam do Conselho Consultivo do PEPB no ano de 2018. À revisão, foram acrescentadas notas tomadas em observações em campo, em participação em reuniões do Conselho Consultivo e em eventos no local.

Para a análise do perfil e percepção dos visitantes em relação ao PEPB e ao turismo no Rio da Pra-

Atividade de Turismo de Base Comunitária realizada no Rio da Prata como parte de ações do nosso projeto teve como ponto de apoio o Sítio Farol da Prata

ta, foram aplicados 63 questionários semiestruturados, entre dezembro de 2018 e março de 2019, regularmente aos domingos, entre 9:00 e 14:00 horas. O local escolhido para a aplicação dos questionários foi o Sítio Farol da Prata. Nele reúnem-se interessados nas trilhas do parque e nos atrativos locais, e onde, aos domingos, é oferecido o “Café na Roça”,.

Foram também entrevistados três moradores envolvidos no processo de turismização do Rio da Prata, sendo sujeitos sociais influentes na localidade; e dois técnicos do INEA envolvidos na implementação do Projeto de Uso Público. Para preservar a identidade dos entrevistados, optamos por omitir seus nomes, mas representam os seguintes envolvimentos na comunidade: 1) educação formal e não formal (E); 2) prestação de serviços turísticos (P); 3) associação de agricultores orgânicos (A); 4) órgão público responsável pela gestão do UP do PEPB (INEA).

Para a análise dos desdobramentos da implementação do Curso de Condutor, aplicamos um

questionário com perguntas fechadas e semiabertas para os então formados condutores locais, verificando as suas expectativas e percepções antes e depois do curso. O questionário foi enviado por meio de um grupo virtual, estando disponível para acesso em março e abril de 2018, aproximadamente dois anos após a implementação do curso. Apenas 13 dos 31 condutores responderam.

As entrevistas foram constituídas de perguntas abertas, sendo realizadas entre agosto de 2018 e setembro de 2019. O objetivo foi captar diferentes nuances sobre as percepções e concepções dos entrevistados, considerando os eixos de pesquisa dos quais este trabalho faz parte, incluindo o que é turismo e o que é o próprio local para eles. As respostas foram transcritas e a codificação foi feita manualmente, resultando em três categorias: I) representações do Turismo, II) principais oportunidades e desafios relacionados ao turismo, e III) percepções sobre o Curso de Condutor de Visitantes.

Principais desafios e potencialidades relacionados ao turismo

O material coletado permitiu identificar oportunidades e desafios associados ao turismo pelo olhar dos consultados. No questionário aplicado aos visi-

tantes, 70% classificaram como boas as condições de acesso ao local. Considera-se que isso se dá em efeito comparativo a outros locais que buscam oferecer experiências associadas ao rural/natural. O Sítio Farol da Prata está a cerca de 5 km do centro de Campo Grande. E todo o percurso é asfaltado. Além disso, há a possibilidade do uso do transporte público para chegar até o local.

Em relação às trilhas da região, a maioria dos entrevistados disse desconhecer e/ou não as ter utilizado. Considera-se que ter em vista esse público parece ser oportuno, não só para possíveis prestadores de serviços, mas também para os gestores do PEPB. Dado, inclusive, o potencial de pessoas dispostas a pagar uma taxa de visitação.

Elementos como hospitalidade, alimentos e bebidas, e segurança foram associados à alta satisfação dos visitantes. Deste modo, a maioria disse ter suas expectativas atendidas, e indicou que voltaria ao local ou indicaria aos amigos.

Trilhas e vivências pedagógicas são realizadas na vertente do Rio da Prata

As entrevistas e questionários apontam possibilidades de

O modo de vida agrícola compõe a paisagem e as ações de turismo do Rio da Prata

atividades que complementariam a “oferta de experiência”. Aqui, E aponta como potencialidade o intercâmbio com os agricultores da região, suas habitações e dinâmica de vida, o que pode ser observado nos trechos transcritos a seguir:

Tem muito sítio interessante na comunidade [...]. Tem gente que tem nascente dentro de casa, tem algumas coisas. [...] eu acho que mostrar essa coisa rústica, o que a comunidade é verdadeiramente... É um lugar rústico, as pessoas têm uma vivência: o que é que vive, como vive. Essa pessoa mesmo, morador lá do morro, o que ele faz no dia a dia? Eu acho que isso é o interessante. (E.).

E. destaca ainda que o turismo, associado à dinâmica de vida dos agricultores orgânicos, parece ser benéfico não só para visitantes, mas também para que a comunidade valorize o trabalho dos produtores:

Seu fazer é importante e tem muito potencial turístico, né? Mas é seu próprio fazer, não é algo

diferente, não é você 'oh, vamos fazer pirueta pra vir gente ver nossa pirueta'. Não é isso, é o seu próprio fazer, é um potencial turístico, eu acho que é isso. (E.).

Isso também se apresentou como um desejo dos visitantes em relação às informações que gostariam de receber, destacando-se os atrativos naturais, a história e a cultura local. Da mesma forma, o circuito de experiência rural poderia ter forte aderência por parte do público que já visita o local.

Para P. deveria haver um investimento nos jovens e filhos de agricultores para que empreendessem no setor de turismo, conciliando com a valorização dos remanescentes naturais e práticas agrícolas de suas famílias. O entrevistado destaca ainda como atrativo a possibilidade do caqui se consolidar como um símbolo da região.

A ideia de valorizar o caqui como um símbolo, vinculando-o como um signo e tendo sua qualidade associada ao imaginário do local, é interessante não apenas sob o ponto de vista econômico, mas também como um dos elementos de afirmação identitária (como detentores de

“ Seu fazer é importante e tem muito potencial turístico, né? Mas é seu próprio fazer, não é algo diferente, não é você 'oh, vamos fazer pirueta pra vir gente ver nossa pirueta'. Não é isso, é o seu próprio fazer, é um potencial turístico, eu acho que é isso.

uma cultura agrícola e rural). Sua produção pode ser vinculada também ao valor paisagístico do local.

Apesar de discordar de P. por considerar o turismo como algo “infelizmente inevitável”, A. parece ter uma visão similar à de E. sobre o que seria um turismo “ideal”, em que agricultores pudessem conciliar com suas atividades rotineiras, e ser valorizados “pelo seu saber fazer”. A. indica que há uma iniciativa em desenvolvimento nesta configuração, em que produtores recebem visitantes, que “vivenciam” o seu dia a dia na roça, e podem comprar produtos orgânicos diretamente de quem produz. Para A., esse tipo de iniciativa contribuiria também para que a comunidade pudesse contar a sua história, e que fosse reconhecida como agente de preservação.

A. reforça a hipótese de que o turismo pode ser mais uma ferramenta para a manutenção do pacto ambiental, iniciado a partir da requalificação social em decorrência da “conversão” (Leal, 2010) para a produção orgânica. Além disso, pode reiterar o caráter “tradicional” da comunidade. A. também menciona a ideia de roteiros que explorem o viés afetivo da alimentação, e relata sobre a existência de elementos materiais que poderiam compor um “Museu do Agricultor”.

É interessante constatar que o INEA parece ter uma ideia que pode não es-

“Críticas à trilha estão relacionadas também à falta de recursos destinados ao ordenamento do Uso Público. Além disso, há, por parte de alguns moradores, o entendimento de que a trilha é “um projeto de turismo” com uma abordagem “de cima para baixo”.

tar alinhada à expectativa manifestada por A., e sim com P. Isto, pois, mencionam a necessidade de “uma marca que mostre interação do parque com a comunidade. Ter selos, parcerias e qualificações”.

No que tange à Trilha Transcarioca, P. considera como positivo, já que sua implementação “aumentou o fluxo de visitantes dentro da região”. Por outro lado, A. se diz “contra” a Transcarioca. Isso parece estar relacionado ao fato de a trilha atrair um tipo de visitante que não necessariamente estará interessado em elementos que a comunidade deseja valorizar a partir do turismo, ou seja, as histórias e as práticas agrícolas locais.

Críticas à trilha estão relacionadas também à falta de recursos destinados ao ordenamento do Uso Público. Além disso, há, por parte de alguns moradores, o entendimento de que a trilha é “um projeto de turismo” com uma abordagem “de cima para baixo”. E, assim, não se sentem contemplados. A partir de conversas informais durante o trabalho de campo e a participação em eventos e reuniões, foi percebida como notória a insatisfação por parte dos morado-

Jequitibá é atração histórica, cultural e ambiental do Rio da Prata. Na foto, Leonídia e Adriano Insfran da Associação Quilombola Dona Bilina

res quanto ao desempenho de fiscalização e ordenamento do UP. Queixas sobre ações de motocross, supressão de vegetação e outras práticas ilegais são corriqueiras e afetam as percepções e expectativas sobre o turismo; o que foi constatado também nas entrevistas.

São diferentes as formas como cada entrevistado parece entender os "tipos" de turismo possíveis e em curso – bem como as expectativas relacionadas à atividade. Também divergem no modo como interpretam o apoio prestado pelo INEA a algumas iniciativas; o que acarreta certa "tensão" quando abordados determinados temas. De todo modo, é unânime a percepção de uma comunidade "desconfiada" e "conservadora" em relação ao turismo, em virtude, principalmente, do histórico conflituoso com o INEA, o que destacamos como um dos desafios.

Unânime também é a percepção sobre a necessidade de maior atenção à juventude da comunidade no que diz respeito às oportunidades de trabalho

associadas aos atributos do local. Isto se dá em um cenário em que muitos adolescentes e jovens, filhos de agricultores, inseridos em um contexto de oportunidades laborais limitadas, não parecem desejar seguir desempenhando o trabalho agrícola. Assim, todos os entrevistados expressaram desejo de qualificações e outros tipos de ação formativa ou educativa, que possam instigar às novas gerações quanto às possibilidades de empreender a partir da crescente valorização do local.

O INEA parece perceber essa demanda. E acrescenta outro desafio relacionado à região, que, caso superado, pode contribuir para o cumprimento de alguns dos seus potenciais: *"Precisamos avançar nos acordos e na capacitação dos agricultores. Um ator importante para o Rio da Prata é a Secretaria de Agricultura, que tem desenvolvido projetos voltados para o turismo rural"*. Assim, reconhece a ausência de integração com outros setores e órgãos públicos na indução do turismo no local, bem como no seu planejamento e gerenciamento.

"Precisamos avançar nos acordos e na capacitação dos agricultores. Um ator importante para o Rio da Prata é a Secretaria de Agricultura, que tem desenvolvido projetos voltados para o turismo rural"

Quilombolas do Quilombo Dona Bilina em atividades de trilha realizadas no âmbito do projeto

Algumas Considerações Finais

A particularidade socioespacial do Rio da Prata se apoia no processo de revalorização e ressignificação da natureza e da cultura de agricultores. Este processo aglutina signos sobre os quais uma nova noção de rural está sendo construída, fornecendo apelo necessário para o estabelecimento de fluxos de visitação.

Neste contexto, a dinâmica socioeconômica está cada vez mais atrelada às atividades turísticas e de lazer, que facultam oportunidades de negócios e visibilizam modos de vida, ou seja, culturas associadas a grupos denominados tradicionais.

Para que o ecoturismo atinja sua total potencialidade, faz-se necessário investir na visibilização da cultura e da memória do grupo de agricultores. Bem como no fortalecimento de ações, de forma integrada, entre distintos órgãos públicos interligados por políticas voltadas para gestão e ordenamento do Uso Público em Unidades de Conservação. No caso analisado, a comunidade receptora, ao “reinventar a cultura rural”, apresenta-se como nova protagonista do ecoturismo que ali desponta.

Você sabia? Turismização

De acordo com Mendonça (2010), o conceito de "turistificação" toma o espaço como elemento de intervenção e apropriação pelo turismo, enquanto o conceito de "turismização" designa fenômenos – ou percepções destes – a partir da perspectiva de um processo. Assim, turismização é um processo histórico de construção de um fenômeno associado a um processo de interiorização das diferentes facetas do turismo pelos grupos e pelas pessoas, que influencia nas relações e no modo de vida de determinado lugar (Mendonça, 2010).

Referências Citadas

Fontoura, L. M. (2014). **Uso Público e conservação da biodiversidade em parques nacionais do Brasil e Estados Unidos**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Florestais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Leal, P. F. (2010). **Construção do agricultor"orgânico"**. Raízes: Revista de Ciências Sociaise Econômicas. 30(2), 68-83

Mendonça, T. C. (2010). **Que paraíso é esse? A turismização da Ilha Grande**. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil.

Rosa, C. R. (2017). **Uso público em parques estaduais do Rio de Janeiro: perspectivas e desafios para a prestação de serviços de apoio à visitação**. Dissertação de Mestrado . Programa e Pós-Graduação em Práticas em Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil.

Turismo de Base Comunitária e Museologia Social nas Comunidades Quilombolas

Neste último período, desenvolvemos um conjunto de ações para o fortalecimento e preservação da identidade quilombola e das práticas agroecológicas desenvolvidas no Maciço da Pedra Branca, com enfoque na preservação ambiental e na geração de renda das comunidades tradicionais que vivem, moram e plantam no Parque Estadual da Pedra Branca.

Visita ao Instituto Pretos Novos e ao Museu de Arte do Rio

Como parte das atividades de Museologia Social e Turismo de Base Comunitária, realizamos uma visita técnica ao Instituto Pretos Novos e ao Museu de Arte do Rio. Na atividade, que envolveu também as crianças quilombolas, conversamos sobre a relação entre patrimônio, me-

Visita à exposição Crônicas Cariocas no MAR

Visita à exposição Crônicas Cariocas no MAR

mória e identidade como sendo os fios que enredam as histórias e as lembranças dos territórios.

A proposta foi buscar referências e inspiração para a construção do Plano Museológico do Quilombo Dona Bilina, que está sendo desenvolvido pela Associação de Remanescentes Quilombolas com apoio do projeto.

O IPN abriga dois sítios arqueológicos que contam a história do tráfico negreiro no Brasil que, de tão intenso, foi exigido um cemitério para receber os pretos que já chegavam mortos.

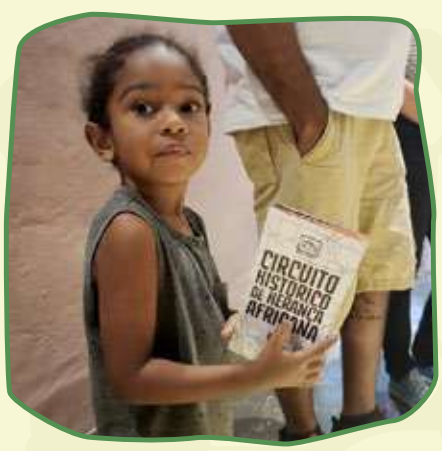
Isso inspirou falas e reflexões do grupo. "No quilombo, sabemos de familiares que tiveram a vivência da escravidão. A história do RJ não pode ser contada sem a história da escravidão", destacou Leonídia Insfran, liderança comunitária. Também visitamos a exposição Crônicas Cariocas, no Museu de Arte do Rio.

Lissandra Vieira, da juventude quilombola e mãe do pequeno João, destacou: "*A visita permitiu que as crianças pudessem conhecer uma história que também é delas. Com isso, elas ficam sabendo que são parte de algo muito maior.*"

Para além dos museus, a memória coletiva é a base das comunidades tradicionais. Os patrimônios em forma de histórias, valores, significados, costumes e muitas outras práticas estão vivos nas comunidades remanescentes.

Falar dos patrimônios é construir uma ponte com o passado e valorizar nossos sentimentos, emoções e formas de estar no mundo. As memórias que sur-

Lissandra Vieira



O pequeno João na visita ao Circuito Histórico de Herança Africana

Grupo observa a vitrine expositiva do sítio arqueológico

gem em quilombos e comunidades de base agroecológicas conectam os saberes dos mais antigos com a juventude, entrelaçando desta forma, o passado e presente das comunidades.

Atualmente, o propósito dos museus é de ir além da história registrada pelos diários oficiais e contar a narrativa das comunidades periféricas e a ampla forma de relacionar-se com o mundo. Esta nova mentalidade democrática e inclusiva faz parte do movimento da nova museologia, que busca a valorização de novos saberes e experiências.

Gerações quilombolas em visita ao MAR para vivência de referências museológicas

Conheça mais sobre o Instituto Pretos Novos.

O IPN abriga o Sítio Arqueológico Cemitério dos Pretos Novos. Em 1996, estudos e escavações arqueológicas trouxeram à tona a importância histórica e cultural desta área da cidade do Rio de Janei-

ro. Estes vários achados arqueológicos possibilitam uma melhor compreensão do processo da Diáspora Africana e da formação da sociedade brasileira, e por isso, motivaram a criação, pelo Decreto Municipal nº 34.803 de 29 de novembro de 2011, do Circuito e do Grupo de Trabalho Curatorial do Circuito Histórico e Arqueológico da Herança Africana, para construir coletivamente políticas de valorização da memória e proteção deste patrimônio cultural. Fonte: IPN.

Ecomuseu Quilombo Dona Bilina

Com o objetivo de fortalecer a promoção e o reconhecimento dos patrimônios culturais materiais e imateriais do Quilombo Dona Bilina, o Projeto Sertão Carioca tem apoiado a organização e constituição de um Ecomuseu Comunitário, que está sendo organizado no território. A iniciativa é uma oportuni-

Rodas de conversas pelo território

Rodas de Conversa pelo território

Adriano, presidente da Associação Quilombola acompanhou as visitas

dade de gerar autonomia por meio do turismo local e o fortalecimento da identidade cultural quilombola.

A partir de conversas e aproximações com a comunidade foi elaborada a proposta de criação do Ecomuseu Quilombo Dona Bilina, considerando os interesses, demandas e estratégias presentes na consolidação do Quilombo na região do Rio da Prata, Campo Grande.

Essa proposta visa contribuir para o estabelecimento a curto, médio e longo prazo de ações de memória que, articuladas com as ações do quilombo, possibilitem reforçar a valorização das populações tradicionais do local, seus saberes e modos de vida,

Seu Aldair, neto de Dona Bilina

Seu Quincas, agricultor do Rio da Prata toca pandeiro, faz garrafadas e remédios

Dona Nilza, moradora do caminho da Bela Vista

suas tecnologias sociais, suas memórias, tradições religiosas, festivas, agrícolas e culinárias.

Júlia Pereira, consultora museológica que está coordenando a ação, destacou que o trabalho foi feito a partir da Museologia Social. "*Ao buscarmos uma proposta de museu que olhasse a potência desse território nas suas relações históricas e contemporâneas, observamos que essa metodologia pode abrigar os múltiplos patrimônios e seus significados realmente existentes no local. Mais do que a organização de um documento, foram metodologias participativas e coletivas e que puderam servir como um instrumento de reflexão social*".

O produto final da consultoria foi entregue em 13 de maio- dia de lutar pela verdadeira história da abolição- e

Júlia Pereira, consultora museológica

Grupo reunido na Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina

consistiu na confecção de um relatório que foi apresentado para a comunidade em uma atividade coletiva, momento em que a comunidade escutou as lideranças quilombolas e trocamos acerca das expectativas com a criação do ecomuseu.

Alice Franco, educadora e agente comunitária do território, a destacou que "*Todos os moradores que estavam presentes receberam bem essa ideia que resgata e preserva a nossa história e identidade. O território é extenso, por isso, ainda é preciso que aconteçam outros eventos para trocar as informações a respeito da criação do museu de base comunitária. O conhecimento produzido, construído e compartilhado nestas atividades promove o sentimento de pertencimento ao lugar e aos processos que originaram a comunidade, a partir da mistura dos povos escravizados e indígenas.*"

Produção do Documentário do Quilombo Dona Bilina

Para fortalecer os processos de organização da memória e do acervo do Ecomuseu, também temos trabalhado com a linguagem audiovisual. A partir da

Seu Máximo em entrevista para Documentário está sendo desenvolvido com direção da comunidade quilombola

construção de quatro roteiros culturais de visitação ao território, organizamos roteiros de documentário em vídeo. A identificação dos roteiros turísticos foi feita com o apoio das filmagens, e, por sua vez, os filmes têm o objetivo de apoiar e compor a expografia do museu que está em construção.

Os entrevistados foram escolhidos por suas histórias e suas representatividades: Com o mapeamento da região, percebemos muitas pessoas que poderiam colaborar a partir da fala, das colaborações e percepções do quilombo em suas diferentes épocas. Até o momento, sete moradores locais foram entrevistados para a construção dos mini-documentários.

O vídeo tem o objetivo de deixar registradas as estratégias de conservação ambiental, turismo de base comunitária e combate ao racismo através do forta-

Seu Aldair, do Morro das Caboclas

Venda do Seu Quincas

lecimento identitário e organizativo dessas comunidades.

"*O processo de educomunicação que envolve a produção do documentário é muito rico. Não apenas porque permite deixar um legado e difundir em áudio e vídeo os conhecimentos, histórias e memórias da comunidade, mas também porque, ao organizarmos o relato das nossas experiências, podemos observar e sistematizar nossa própria história.*" Destacou Bruna Távora, educomunicadora do Coletivo de Comunicação do Projeto. O documentário está sendo produzido junto com o @permalab_ e fará parte do acervo museológico do quilombo.

Documentário está sendo desenvolvido com direção da comunidade quilombola e tem apoio do Permalab

Cartografia Social e Participativa tem início do Quilombo Dona Bilina

Como parte das ações, também estamos realizando uma cartografia participativa. A cartografia é um método que promove e facilita processos de planejamento e gestão do território das comunidades locais, sendo uma ferramenta fundamental para a negociação com diferentes atores, para expor conflitos no território e para fortalecer potencialidades e processos organizativos.

Desde o ano passado, temos realizado as ações da Cartografia no Quilombo Cafundá Astrogilda e no Quilombo do Camorim. Neste período, demos início ao processo no Quilombo Dona Bilina, e que será realizado de modo complementar às ações de Museologia Social e Turismo de Base Comunitária também desenvolvidas no âmbito do projeto.

Stella, Cinara e Marquinhos no processo participativo de mapeamento cartográfico

Para identificação nos pontos de GPS, na primeira visita, caminhamos cerca de 21km, identificando pontos de interesse e marcando o georreferenciamento das áreas. Começamos a subir a vertente do Rio da Prata do Maciço da Pedra Branca às 6:30 manhã e chegamos de volta no Largo da Batalha às 17:30.

Nossa altura máxima foi 869 metros sobre o nível do mar. Nessa aventura, fomos em três pessoas e mais o Amendoim, um burro que é utilizado nas atividades da comunidade. O caminho ofereceu banana, caqui, tangerina e água à vontade.

Para Cinara, moradora do Quilombo Dona Bilina, o território é vasto e ainda precisam ocorrer outras parcerias com o Projeto Sertão Carioca para mapear todo o entorno do quilombo: *"Nós subimos com as telas para a cartografia até uma certa altitude, mas ainda temos muito o que explorar"*. Segundo a moradora, a comunidade está organizando outros eventos para fazer novas caminhadas junto aos guias do local para fazer o reconhecimento do território.

Pintura do Mural na AMAVAG e no Cantinho do Sossego

Neste último período, com enfoque na educomunicação, fizemos a pintura de dois murais de parede, um na AMAVAG - Associação de Moradores

e Amigos de Vargem Grande (@amavagRJ) e outro na comunidade quilombola Cafundá Astrogilda. As pinturas são atividades de fortalecimento da cultura local, por meio da representação das roças e dos demais elementos que compõem a tradição agroecológica dos locais. A intervenção artística por meio da pintura serviu como uma produção educativa e identitária feita em conjunto e com as referências dos moradores do território.

Com apoio do artista Matheus Branqs, e do diálogo com Sarah Rubia, liderança da AMAVAG, e Tati Mesquita, culinarista da comunidade quilombola, homenageamos as histórias, as pessoas e a cultura agrícola da comunidade Quilombola do Cafundá.

No mural da AMAVAG, estão os agricultores Jorge Cardia e Cristina Santos, que são apresentados no seu cotidiano de produção e comercialização agroecológica. Lá, vemos a banana produzida pelo Seu Jorge, e a barraca da AMAVAG, que fica localizada na frente da associação e é conduzida por

Desenho do mural é de Fernandinha (in memoriam), da juventude agroecológica da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ)

Cristina. O desenho foi feito pela jovem Fernandinha (*in memoriam*), da juventude agroecológica da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ), neta dos agricultores . É também uma forma de homenageá-la.

No mural do Quilombo Cafundá Astrogilda, a pintura foi realizada no Cantinho do Sossego. Lá, são oferecidas refeições que atendem às ações de visitação, formação e pesquisa que ocorrem no local. Na parede da Tati, a floresta da Pedra Branca é apresentada com toda sua beleza. Na imagem, Paulo Martins (Paulinho) e o Saci se encontram. O saci é um importante personagem da cosmovisão e da memória social da comunidade.

Paulinho, morador do Quilombo Cafundá Astrogilda, relata sua experiência pessoal que faz parte do

Mural foi pintado por Matheus Branqs

Paulinho e Tati contam as histórias e os conhecimentos do Cafundá

folclore local: *“Há 37 anos eu tive um encontro real com o Saci! É uma história minha e muitos irão duvidar. Foi uma assombração tão grande que fui rezar com a benzedeira logo depois!”, conta Paulinho*. As histórias dão conta de que esse saci ronda a Floresta da Pedra Branca assombrando e pregando peças em quem desmata e destrói a natureza local! O relato de Paulinho se mistura com as tradições culturais que permanecem vivas e são recriadas no território.

Curso de Condutores do Parque Estadual da Pedra Branca

Em abril e maio, foram realizadas quatro aulas do Curso de Condutores Ambientais, uma iniciativa realizada pelo projeto em parceria com o Instituto Estadual do Ambiente.

Em 10 de abril, a aula foi ministrada por Fábio Nascimento, da Associação Carioca de Turismo de Aventura (ACTA). Ocorreu no Núcleo Pau da Fome, e teve como tema Segurança nas atividades de Turismo. O instrutor contextualizou o surgimento do tema explicando como surgiram as normas

Grupo que participou da aula no Núcleo Pau da Fome

Adilson Jr e Caroline Santana na atividade georreferenciamento de trilhas com uso de mapas e bússola

para o turismo de aventura e comentou também os seus significados, e a importância da implementação de normas de segurança.

No dia 19 de abril, com a instrução do guarda-parque do PEPB Murillo Peixoto de Sant ' Anna Junior, realizamos mais uma atividade prática do curso, que ocorreu no Núcleo Piraquara do PEPB. O tema foi georreferenciamento de trilhas com uso de mapas e bússola.

O ponto de partida foi a Sub-sede onde foram feitas as primeiras instruções e distribuição das ferramentas para a orientação. Ao longo da trilha, além de lindas vistas da Zona Oeste do Rio de Janeiro, os alunos puderam observar importantes referências para as outras trilhas existentes no Parque, tais como: A Pedra Jesus Vem, o Aqueduto e a Pedra Rachada. A parada para descanso foi no Sítio Falcão, lá puderam se refrescar com as águas de uma das nascentes da trilha e observar as ruínas do antigo sítio.

No dia 07 de maio, iniciamos pela vertente do parque que fica no Rio da Prata, aprendendo sobre o Quilombo Dona Bilina com a instrutora Alice Franco.

Aula com a educadora quilombola Alice Franco

Temas importantes para a compreensão da constituição do território de Campo Grande foram abordados, passando pelo processo de construção dos Engenho de Cabuçu, Fazenda Juari e o Engenho Rio da Prata do Cabuçu, destacando os vestígios destes locais ainda presentes, a exemplo as ruínas da escola rural e as de famosas cavernas na região como a da Pedra do Índio.

A segunda parte da aula foram visitados símbolos importantes da região como a Capela Nossa Senhora das Dores, a Praça Mário Valadares, a Bica d'água e o Coreto, os dois últimos tombados pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro-RJ por sua importância arquitetônica, histórica e cultural. A aula foi finalizada levantando importantes discussões acerca da colonização e escravidão responsáveis pela forma como aconteceu a constituição ge-

Adilson Almeida compartilha seus conhecimentos com a turma de Condutores

ográfica e populacional de Rio da Prata, além disso, a preservação do patrimônio e da memória local.

No sábado dia 28 de maio, estivemos no Quilombo do Camorim. Adilson Almeida, liderança quilombola, generosamente compartilhou seus conhecimentos e experiências sobre animais peçonhentos e condução de trilhas. Também conhecemos um pouco mais sobre a história de luta e preservação ambiental da comunidade quilombola, tema de suma importância para um tipo de turismo que respeita e valoriza as comunidades locais.

No dia seguinte, estivemos no Pau da Fome, na sede do Parque Estadual da Pedra Branca. Lá, o instrutor Robson ministrou um aulão sobre noções em primeiros socorros, plano de contingência e resgate, comportamento seguro e prevenção de acidentes.

Aula de Noção em Primeiros Socorros

O curso tem buscado fortalecer a susten-

Jhonatan, do Núcleo Dinda Laura, do Quilombo Cafundá Astrogilda

tabilidade e geração de renda a partir da promoção do Turismo de Base Comunitária, que já é desenvolvido pelas comunidades quilombolas que vivem, moram e conservam o Parque Estadual da Pedra Branca.

Para Jhonatan, da juventude do Núcleo Dinda Laura, do Quilombo Cafundá Astrogilda, o curso tem sido uma oportunidade de conhecer novas vertentes do PEPB: "*É uma floresta urbana enorme, antes do curso eu não conhecia os núcleos do parque que ficam em Realengo e outros pontos da cidade*". Jhonatan conta que estão idealizando a divulgação e realização de visitas turísticas em seu território com os conhecimentos adquiridos no curso de condutores. Ele afirma que os conhecimentos sobre a história e os patrimônios culturais locais possibilitam um atrativo a mais para a recepção dos visitantes em sua comunidade.

Agroecologia, conservação da floresta e intercâmbios no Maciço da Pedra Branca

As atividades fazem parte da Comissão de Agricultura, Saúde e Mercados e da Comissão de Pesquisa do projeto, ambas empenhadas no fortalecimento das redes orgânicas e agroecológicas da cidade do Rio de Janeiro. As iniciativas acontecem com a inserção nos espaços políticos em defesa da agricultura familiar e urbana, nas oficinas colaborativas e de capacitação de pequenos agricultores e no mapeamento e apoio das feiras, promovendo o direito de plantar e colher alimentos livres de agrotóxicos cultivados nos quintais produtivos, que fortalecem sistemas alimentares justos e comprometidos com a transformação social.

Reunião Rede Agroflorestal do Rio de Janeiro

Renata Souto, assessora agrícola do projeto, Adilson Mesquita Jr., estagiário do Projeto Sertão Carioca, e Miguel Archanjo, agricultor urbano do Maciço da Pedra Branca, participaram da reunião presencial da Rede Agroflorestal do Rio de Janeiro, que aconteceu no Auditório da Fazendinha Agroecológica da Embrapa Agrobiologia, em Seropédica.

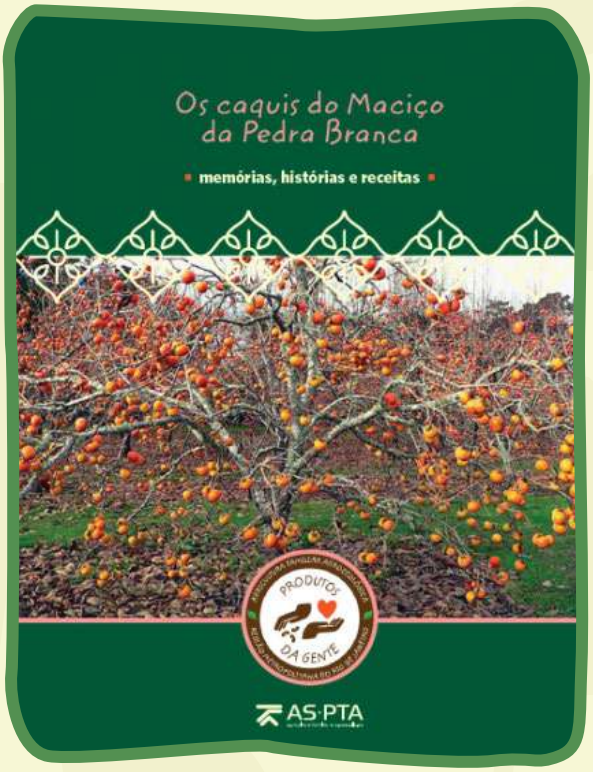
O objetivo foi organizar o planejamento da Rede, a partir da definição das ações de fomento prioritárias para a adoção de Sistemas Agroflorestais (SAFs) no Estado.

Na ocasião, foram discutidos os desafios e oportunidades, bem como as ações prioritárias relacionadas a eles, considerando cinco eixos temáticos: uso e conservação dos recursos naturais; governança da Rede Agroflorestal do RJ; produção agroflorestal; mercados, comercialização e consumo; e construção do conhecimento, capacitação e assistência técnica.

Fonte: https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/70302126/rede-agroflorestal-do-rio-de-janeiro-define-acoes-prioritarias?p_auth=gR9SxJtp

Apoio ao Tira Caqui

O Tira-Caqui é a colheita solidária desta fruta realizada pelos agricultores e consumidores, além da celebração da safra do caqui no Maciço da Pedra Branca, que acontece todo ano, entre os meses de março e junho. No dia 21 de abril deste ano o Tira Caqui aconteceu em Vargem Grande, com uma programação deliciosa! Foi organizado por um conjunto de redes e organizações: Rede Carioca de Agricultura Urbana, Associação de Amigos e Moradores de Vargem Grande (Amavag), Teia de Solidariedade da Zona Oeste, Rede Ecológica e AS-PTA. O Projeto Sertão Carioca apoiou em ações de escoamento da



Livro - Os Caquis do Maciço da Pedra Branca traz 13 receitas elaboradas por mulheres culinaristas

produção e comercialização na Feira da Roça.

Juntos, em 2021, lançamos o livro Os Caquis da Pedra Branca: Memórias, Histórias e Receitas. Com 13 receitas elaboradas por mulheres culinaristas e organizações parceiras, o caderno foi construído, ao longo desses anos, por muitas mãos que, através das suas receitas, mostram a versatilidade e a potência que um único alimento possui. Acesse aqui.

Formação em Sementes

O acesso às sementes crioulas é a base de toda a agroecologia! É uma movimentação essencial para o movimento agroecológico da cidade do Rio de Janeiro, na resistência das agriculturas e dos modos de produzir e de consumir alimentos limpos na cidade. A Comissão de Agricultura, Saúde e Mercados do projeto mobiliza o reconhecimento dos guardiões de sementes dentro da cidade e permite a preservação e a troca das espécies presentes na agricultura familiar e urbana.

Programação da Formação

No âmbito do projeto, está sendo realizada uma Formação, que teve início no último 23 de maio, e culminará no dia da primavera, com uma grande Festa de Sementes. A formação consiste no mapeamento da produção de sementes, dos guardiões e das guardiãs das sementes e suas formas de fazer e multiplicar a diversidade na cidade. Será abordada a Produção de sementes, os Bancos de sementes caseiros, comunitários e institucionais e serão realizadas Trocas de sementes, além de um Intercâmbio de Bancos de Sementes.

No primeiro dia da ação, Bernadete Montesano (Rede Carioca de Agricultura Urbana), Denis Monteiro (AS-PTA), Júlio César (Hortas Cariocas), Robson Patrocínio (Fiocruz Mata Atlântica) e Ana Garofollo (Embrapa Agrobiologia) trouxeram seus depoimentos e os agricultores e agricultoras compartilharam seus conhecimentos sobre o tema.

Márcio, coordenador do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA, destacou que os encontros da formação fazem parte de um processo que reúne os guardiões de sementes da região metropolitana do Rio de Janeiro, junto com as instituições parcei-

> *“Precisamos valorizar as experiências dos agricultores e agricultoras que guardam sementes, além de instituir um sistema de acesso às sementes e mudas no âmbito da rede carioca de Agricultura Urbana para a cidade”.*
> – Márcio Mendonça

ras que atuam neste tema: “*Precisamos valorizar as experiências dos agricultores e agricultoras que guardam sementes, além de instituir um sistema de acesso às sementes e mudas no âmbito da rede carioca de Agricultura Urbana para a cidade*”. Márcio defende a facilitação ao acesso desses materiais orgânicos, de forma que os produtores locais sejam reconhecidos através das parcerias e da produção de uma cartilha que valorize os guardadores das sementes.

Para apoiar a sistematização da oficina, estamos contando com o apoio de Larissa Vera Cruz, jovem que integra a Feira da Roça, de Vargem Grande. Ela está responsável por organizar as sistematizações e as relatorias que, posteriormente, serão organizadas no formato de cartilha.

Oficina de sabão ecológico: apoiando a geração de renda de mulheres e a reciclagem da vida

As oficinas de reciclagem a partir da formação de produtos orgânicos é um dos objetivos da Comissão de Agricultura, Saúde e Mercados do projeto.

Materiais da Oficina

Geração de renda e fortalecimento do trabalho com mulheres

Junto à Associação de Amigos e Moradores de Vargem Grande (Amavag), foi realizada a oficina de reciclagem de óleo residual para a produção de sabão caseiro. O sabão ecológico é símbolo de autonomia, resistência ecológica e resignificação dos elementos da natureza.

Para Renata Souto, assessora técnica que coordenou a atividade, com isso "*reforçamos a importância das ações em rede que tanto fazemos. Tadzia de Casimiro na AARJ aprimorou a receita, mandou nas cestas agroecológicas na pandemia, e ensinou pra Val, Val ensinou pra Fátima e Brenda, e elas todas ensinaram pra mais 16 mulheres*".

Em parceria com Brenda, Valdirene e Fátima, dos Quintais Produtivos da Colônia, aprendemos sobre as etapas de produção, o tempo correto para a maturação e a melhor forma de fazer o corte do sabão.

Geração de renda e fortalecimento do trabalho com mulheres

Reforçamos a importância de boas práticas e do uso adequado do equipamento de proteção. Para a confecção do produto, reaproveitamos também caixas de tetra pack, que serviram como forma para moldar o sabão.

Valdirene Militão destaca que o sabão ecológico simboliza a liberdade, o feminismo e a geração de renda de muitas mulheres dentro das comunidades tradicionais: "*O processo que utiliza o óleo usado, misturado com soda e a água para transformar tudo em sabão, permite que a mulher economize dentro de casa e venda o seu produto nas feiras orgânicas*". Valdirene teve a oportunidade de ensinar a técnica para as mulheres dos quintais produtivos da Colônia, da Fiocruz Mata Atlântica: "*Elas se apropriam deste saber com orgulho e cada uma se transforma em uma propagadora desta técnica, fortalecendo assim, os laços dentro dessa rede*". A partir destas experiências, foi criado uma cartilha que ensina estas mulheres a produzirem em suas casas o sabão ecológico.

Os próximos passos envolvem o diálogo sobre comercialização, embalagens, rotulagem, e uso do selo Produtos da Gente.

Oficina de Plantas Medicinais em Vargem Grande e no Quilombo do Camorim

Em abril estivemos com as parceiras da Rede Fitovida para a realização de mais um ciclo de oficinas da Formação Continuada em Plantas Medicinais. Os saberes e práticas de saúde coletiva ligadas às plantas medicinais preservam a natureza, os modos de fazer das comunidades, promovem interação, troca de experiências entre gerações e visibilizam o conhecimento tradicional.

Coordenado pela assessora Renata Souto, visitamos alguns quintais das Vargens e o quilombo do Camorim, com o objetivo de conhecer e conversar sobre as propriedades medicinais das plantas cultivadas nas hortas.

Visitamos o quintal da Sarah Rúbia, liderança comunitária do bairro de Vargem Grande e também o da Amavag. No Quilombo do Camorim, a atividade ocor-

Oficina de Plantas Medicinais com a Rede Fitovida

Oficina de Plantas Medicinais com a Rede Fitovida

reu na Horta Orgânica do Camorim.

A ação também é parte do fortalecimento da Campanha Produtos da Gente e prevê a organização de uma linha de produtos da sociobiodiversidade com o objetivo de fortalecer a geração de renda.

A campanha Produtos da Gente (@produtosdagente) estimula a biodiversidade e valoriza a Agricultura familiar e urbana na promoção da saúde!

Oficina de Compostagem no Jardim Sulacap

A horta comunitária do bairro Jardim Sulacap há muitos anos, planta alimentos saudáveis na cidade do Rio de Janeiro. Na última atividade em parceria com o coletivo realizamos a oficina de compostagem. Iniciamos falando da importância da gestão de resíduos, da reciclagem

Oficina de Plantas Medicinais no Quilombo do Camorim

e dos ciclos da vida que permitem renovação. Em especial nas cidades, e, com isso, queremos contribuir para autonomia e melhor ocupação dos espaços ociosos. Falamos também da cultura alimentar, da sazonalidade dos produtos e das plantas espontâneas/matos de comer/pancs.

Na ocasião, estiveram presentes a equipe do projeto Hortas Cariocas, profissionais e usuárias do Posto de Saúde do bairro e do Instituto Federal de Realengo.

Sobre as técnicas da compostagem, conversamos sobre a montagem na forma do cilindro, falamos sobre quantidade de resíduos a ser adicionada, discutimos a legislação, as possibilidades para pequenos espaços e destacamos a importância das hortas coletivas.

Oficina de Compostagem na Horta Jardim Sulacap

Emilson, liderança comunitária do Jardim Sulacap

Deixamos montada uma composteira e também fizemos ajustes na Composteira já utilizada pelo seu Zé e Marcelo, cuidadores da horta. Serão três composteiras de cilindro no bairro: duas na Horta Carioca e a terceira a decidir com o coletivo da associação.

A iniciativa acontece em rede, e conta ainda com apoio do grupo Jardim Sulacap Bairro Sustentável (JSBS), Fundação Parques e Jardins e da Rede Carioca de Agricultura Urbana.

Cultivando biodiversidade e saberes ancestrais nos Quintais Produtivos da Colônia

Em 4 de abril estivemos com as mulheres dos Quintais Produtivos da Colônia para a primeira reunião presencial do ano. Viva à vacina!

Além do clima de reencontros, a reunião foi marcada pela retomada do planejamento de ações e estratégias para fortalecimento do coletivo, diversos repasses sobre os eventos do mês e a organização de calendário para as visitas e os mutirões solidários. Na atividade, também compartilhamos um kit

Parceria entre Projeto Sertão Carioca e os Quintais Produtivos da Colônia

de roupagem para feiras feito pela Campanha Produtos da Gente.

O kit inclui aventais e bandeirolas para apoio à comunicação e à comercialização dos alimentos produzidos pelas mulheres. Juntas, refletimos sobre o trabalho e nos emocionamos com as mensagens: "*Cultivamos biodiversidade e saberes ancestrais*" e "*Plantar e Colher são atos políticos*", frases que comunicam nossas ideias e viraram estampas pelas mãos de Bianca Santana (@aqualtunne).

O material foi confeccionado pelas costureiras da Associação de Artesanato Unindo Forças no campo e na cidade de Nova Iguaçu.

> *"Cultivamos biodiversidade e saberes ancestrais".*

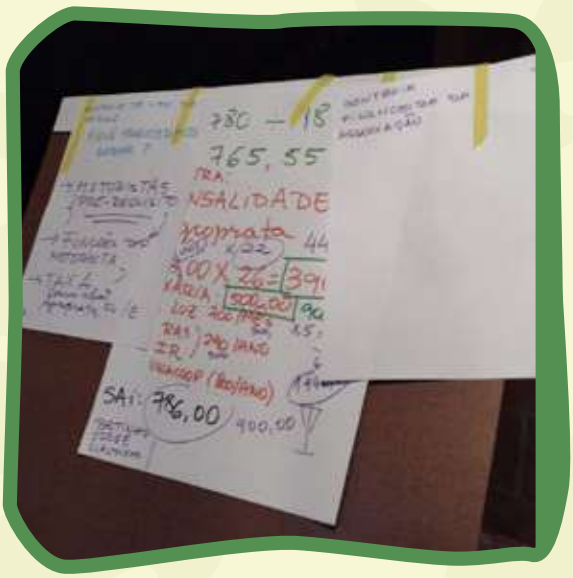
> *"Plantar e Colher são atos políticos".*

Oficina de gestão social do caminhão da Associação de Agricultores da Pedra Branca (Agroprata)

A Agricultura urbana acontece com as redes ecológicas de fortalecimento! Neste período, foi cedido um caminhão tipo baú para auxiliar nas atividades de comercialização da Associação de Agricultores Orgânicos da Pedra Branca (Agroprata). A Agroprata é uma das associações de agricultores mais antigas da cidade do Rio de Janeiro, e agrupa cerca de 30 agricultores que moram na vertente do Rio de Prata, no bairro de Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro.

Caminhão doado em Comodato para a Agroprata

Rita Caseiro da Agroprata, na Oficina de gestão social e coletiva do Caminhão



Oficina de gestão social e coletiva do Caminhão

Através de oficinas foram debatidos os custos, a rota/logística básica para atender imediatamente a participação no Circuito Carioca de Feiras Orgânicas. Conversamos também sobre possíveis taxas comunitárias, as isenções possíveis e o uso extra/fora da associação, além da possibilidade do uso em rede. O veículo já começou a circular em 5 feiras que fazem parte do Circuito Carioca de Feiras Orgânicas.

Mutirões no Quilombo do Camorim

Nos últimos meses apoiamos dois mutirões que aconteceram na Horta do Quilombo do Camorim. Iniciamos os mutirões em março, fazendo a limpeza da área, que é um espaço de memória ancestral e representa a resistência da comunidade, que vem lutando pela preservação do Rio Camorim e pela manutenção da área verde do bairro.

Ingrid Pena e Adilson Almeida no Mutirão

As lideranças locais estimam a perda recente de cerca de 4 hectares do elemento arbóreo nativo, em razão da construção irregular de condomínios na região. A manutenção das áreas verdes no entorno do Maciço ameniza a temperatura do ambiente, e é um filtro e caminho para as águas que vem das florestas. Mais do que nunca é preciso repensar a cidade na direção da justiça climática, de sistemas alimentares justos e saudáveis e contra o racismo ambiental.

Os mutirantes fizeram a limpeza da área onde está sendo implementada a horta comunitária, e

Mutirões busam fortalecer o trabalho de conservação ambiental da comunidade

Mutirão tem ocorrido periodicamente no Quilombo do Camorim

também a delimitação dos canteiros que estão sendo adubados, para a realização dos plantios.

Parceria com o Projeto Ará (Fiocruz) - Ancestralidade e juventude no intercâmbio dos saberes para o fortalecimento da agroecologia

Com o objetivo de conhecer e fortalecer iniciativas agroecológicas no Maciço da Pedra Branca, e promover a interação entre organizações parceiras - (Fiocruz Mata Atlântica (FMA), Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde (VPAAPS), Embrapa Agrobiologia, AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, Cooperação e Apoio a Projetos de Inspiração Alternativa (Capina) e Rede Carioca de Agricultura Urbana (Rede CAU).

Participamos e apoiamos visitas sociotécnicas no território do Maciço da Pedra Branca que aconteceram entre os dias 11 e 13 de abril, envolvendo agricultoras/es, lideranças territoriais e organizadores sociais locais na produção sustentável, promoção da soberania e segurança alimentar e nutricional das famílias, da agricultura urbana e de processos justos de comercialização.

Atividade ocorreu na Amavag, em Vargem Grande

Visita no Quintal da Dona Fátima, dos Quintais Produtivos da Colônia

O Projeto, coordenado pela Fiocruz, na FMA tem como objetivo mobilizar diretamente comunidades de sete vertentes do entorno do Maciço da Pedra Branca (Colônia, Camorim, Vargem Grande, Guaratiba, Campo Grande, Rio da Prata e Pau da Fome), fortalecendo a produção agroecológica, incluindo a organização e o acesso a casas comunitárias de sementes, e a manipulação, armazenagem, divulgação e comercialização de alimentos saudáveis , além de estimular processos de gestão de empreendimentos coletivos.

A partir de uma escuta junto às comunidades, as equipes das organizações colheram subsídios para a construção de planos de trabalho para ações em rede, avançando na construção coletiva de

Visita ao Cantinho da Tati foi parte da programação

ações articuladas às demandas específicas de alguns territórios. Durante a atividade, visitamos os quintais da Dona Fátima (Quintais Produtivos da Colônia), do Seu Severino, a Associação de Moradores e Amigos de Vargem Grande (Amavag), o Cantinho do Sossego (Cantinho da Tati) no Quilombo Cafundá Astrogilda.

Fotos e textos: Fiocruz Mata Atlântica, Lívia Abdala, Valdirene Militão, e Natália Almeida.

Atividades de Pesquisa: monitoramento de abelhas e de polinização, e amostras indeformadas de solo

Estão em curso no Rio da Prata de Campo Grande atividades de pesquisa que envolvem a avaliação de diversidade de abelhas, juntamente com um experimento participativo de polinização. As atividades incluem: colocação e retirada de armadilhas de abelhas, colocação de potes com mudas de pepino para o experimento de polinização (objetiva observar se o serviço de polinização "está sendo entregue", e em que intensidade).

Também estão sendo coletadas amostras indeformadas de solo para avaliação de porosidade do

solo, com objetivo de estimar a capacidade de infiltração e absorção de água nas áreas estudadas.

A pesquisa, que tem como objetivo geral avaliar serviços ecossistêmicos promovidos pela Agricultura Urbana, está sendo conduzida por Liliane Ferreira, Doutoranda em Ciência, Tecnologia e Inovação em Agropecuária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, sob a orientação de Maria Elizabeth Fernandes Correia e co-orientação de Mariella Uzêda, ambas pesquisadoras da Embrapa Agrobiologia.

Atividade tem ênfase na avaliação de serviços ecossistêmicos da agricultura urbana

Programa de Educação Ambiental e Combate ao Racismo para as Infâncias

A Comissão Pedagógica do projeto esteve presente em atividades comunitárias de preservação da cultura quilombola e agroecológica para jovens de territórios tradicionais da cidade. Com a produção de materiais socioeducativos para as infâncias e oficinas sensoriais, foi possível trabalhar os conceitos da biodiversidade e dos patrimônios da identidade étnico-racial de maneira lúdica e interativa, assim fortalecer a educação popular baseada nos valores socioambientais e de combate ao racismo estrutural.

Apoio Ação Griot - 11 de abril

No dia 11/04 estivemos no Quilombo Cafundá Astrogilda acompanhando um dia do Projeto Ação Griô, que recebeu as turmas do 9° ano da Escola Municipal Comunidade Vargem Grande. Com a condução do Sandro Santos, os alunos puderam percorrer por todas as trilhas e caminhos do território enquanto conheciam um pouco da história, não só do qui-

Sandro Santos, educador e liderança quilombola conta a história do quilombo aos estudantes do 9° ano da Escola Municipal Comunidade Vargem Grande

lombo mas de toda região de Vargem Grande e Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Sandro trocou ideias com a garotada sobre a formação e ocupação histórica do território, clima, vegetação e agricultura familiar.

A atividade contou também com a participação das educadoras Maria Lúcia Mesquita e Simone Veloso que falaram um pouco sobre o trabalho com as ervas e culinária local. As duas ensinaram a moçada a fazer colorau a partir do urucum que se tinha no quintal e eles curtiram demais.

Antes de encerrar o encontro com um banho de cachoeira, os alunos aprenderam com Paulinho Martins a técnica de bioconstrução utilizada para a construção do ecomuseu do quilombo: o pau a pique. Eles puderam participar do processo de formação de bar-

ro e depois foram ensinados a colocar o barro na estrutura.

Visita com educadoras e Gerência de Ações Étnicos Raciais - Cafundá Astrogilda

No dia 28 de abril o projeto Sertão Carioca apoiou a atividade Ação Griô no Quilombo Cafundá Astrogilda. A ação foi direcionada para as educadoras da Creche Municipal Rogério Cardoso Furtado, localizada no bairro de Vargem Pequena. A proposta da atividade foi apresentar o Quilombo, sua história, formação, principais projetos e dificuldades na atualidade.

Além das educadoras estiveram presentes também representantes da Gerência de Relações Etnico-Raciais da Secretaria de Educação da Prefeitura do Rio de Janeiro e da Rede Carioca de Agricultura Urbana.

Dona Maria Lúcia recepciona o grupo

Ação Griô é realizado na comunidade Cafundá Astrogilda

Foi um momento importante para a troca sobre valorização de conhecimentos ancestrais, diversidade e patrimônio cultural. A atividade organizada por Sandro Santos contou com a contribuição da professora Quilombola Maria Lúcia, e de Jorgina Mesquita, Nina e Paulo Martins.

Foram realizadas oficinas sobre conhecimento das ervas, da ancestralidade e da religiosidade, exposição sobre serpentes e oficina de bioconstrução.

O encerramento do dia aconteceu na Escola Quilombola com momento de roda de conversa sobre a experiência vivida pelas educadoras. O Projeto Sertão Carioca acredita ser possível uma educação escolar pública, democrática e de qualidade que possa contribuir para a visibilidade, afirmação e fortalecimento de saberes populares, tradicionais e ancestrais, por isso valorizamos a participação dos educadores em nossas ações.

Oficina de Jardim Sensorial

Laiza Lima, educadora do Jardim Sensorial com crianças na Creche Rogério Cardoso Furtado em Vargem Pequena

Junto com a educadora quilombola do Cafundá Astrogilda, Tamires Santos, a geógrafa e educadora ambiental Laíza Lima conduziu uma atividade de plantio e montagem de um Jardim Sensorial com ervas, alimentos e plantas medicinais.

Jorgina e Tati Mesquita, mulheres Quilombolas e educadoras populares do Cafundá Astrogilda, que muito nos ensinam com suas práticas de cuidado da natureza, também participaram da atividade.

De maneira lúdica e através do brincar, nosso objetivo é ampliar a sensibilização das crianças da

Jorgina, Tati Mesquita, Caroline Santana e Laiza Lima e as crianças

Jardim Sensorial com crianças na Creche Rogério Cardoso Furtado em Vargem Pequena

primeira infância junto ao tema da conservação da biodiversidade da floresta da Pedra Branca. Também conversamos sobre quem são as verdadeiras guardiãs de toda essa riqueza: as comunidades tradicionais que plantam, vivem e conservam o ecossistema ao seu redor. Ou seja, elas mesmas e suas famílias!

Para Tamires, a oficina faz parte de um projeto pedagógico sobre a história das Vargens: "*Nós buscamos falar da agricultura familiar, do cuidado com a natureza e a procura por uma alimentação mais saudável*". O jardim sensorial permite uma vivência em que as crianças podem manejar a terra e descobrir novos sentidos: "*Os pequenos sujam as mãos de terra, sentem o cheiro das ervas e dos temperos, cada um é impactado de uma forma diferente*". As turmas da creche fazem um revezamento no cuidado do jardim, eles observam o crescimento das plantas e, em seguida, aproveitam os alimentos para consumo.

ABCdário de Educação Ambiental - Atividade de Educação Ambiental na Escola Alfredo Cesário Alvim

O material faz parte do Programa de Educação Ambiental e Combate ao Racismo, fomentado pela Comissão Pedagógica do projeto em colaboração com a Embrapa Escola, com o Instituto Permalab, e com as educadoras populares das comunidades quilombolas que atuam conosco. As páginas foram ilustradas pela artista e educadora quilombola Carmen Paixão.

A cartilha, que é direcionada para o público de educação infantil das comunidades quilombolas, tem o objetivo de apoiar atividades de educação ambiental e combate ao racismo nas comunidades tradicionais e agricultores do Maciço da Pedra Branca.

Para Carmen Paixão, mobilizadora social e artista colaboradora do projeto no Quilombo Dona Bilina, a cartilha estimula o pensamento das crianças sobre os elementos da cultura das comunidades agroecológicas: “No caminho para a escola, essas crianças encontram pla-

Abcdário sendo lido pelas crianças da Escola Alfredo Cesário Alvim

Carmen Paixão, educadora quilombola que ilustrou o Abcdário

cas, animais, rochas e patrimônios locais, elas precisam entender como esses elementos interagem com toda a cultura local". Segundo a mobilizadora, o projeto desperta a curiosidade com elementos simples da natureza.

Para Caroline Santana, coordenadora pedagógica do Projeto Sertão Carioca, a construção do ABCdário tem o objetivo de valorizar as pessoas e os elementos naturais, culturais e sociais que compõem os territórios quilombolas do Maciço da Pedra Branca: "Estamos fortalecendo as atividades de educação popular que já existem no território e contribuindo para o desenvolvimento educativo das crianças".

As contribuições possíveis deste material estão associadas ao reconhecimento dos educadores populares locais como sujeitos de produção e comunicação de suas realidades culturais.

Mostra Visual Quilombo Cafundá Astrogilda

Tati Mesquita e Jorgina acompanharam a Mostra e compartilharam suas histórias

No mês de maio, estivemos na Escola Comunidade Vargem Grande, escola que fica localizada no entorno do Quilombo Cafundá Astrogilda. A convite do professor Carlos Motta, da disciplina de geografia, realizamos a I Mostra Visual do Quilombo Cafundá Astrogilda. Na ocasião, Tati Mesquita e Jorgina Silva estiveram presente e participaram de uma roda de conversa junto com os estudantes do 5º ao 9º ano da escola.

Estudantes da Escola Comunidade de Vargem Grande participam da Mostra

Profa Cíntia, do Colégio Pedro II, Prof Carlos Motta, da escola, e Bruna Távora do Coletivo de Comunicação do Projeto

Quem visitou o colégio naquele dia, conferiu a exposição fotográfica Memórias e Histórias do Cafundá, exposição realizada com fotografias feitas pela juventude do quilombo em oficinas de educomunicação. Também fizemos a exibição de dois documentários produzidos pelas e pelos griôs da comunidade quilombola Cafundá Astrogilda.

Para o professor Carlos Motta, "*São atividades fundamentais, pois ajudam a ampliar a dignidade, o amor próprio, e o reconhecimento da população quilombola. O saber popular não tá nos livros e é preciso trazê-lo pra escola, ampliando a comunicação entre o território e pra escola*"

Veja aqui os filmes Ancestralidade de Astrogilda e Natu Reza, a cura das matas. Os vídeos foram realizados de maneira participativa com apoio do Instituto Permacultura Lab

Intercâmbio na Marcha de Mulheres da Paraíba

"Para mudar a sociedade do jeito que a gente quer, participando sem medo de ser mulher". Essa foi uma das muitas músicas ecoadas pelas mais de 3 mil agricultoras que participaram da 13º Marcha Pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia

Durantes os dias 1,2 e 3 de maio, mulheres articuladas dos territórios acompanhados pelo Projeto Sertão Carioca, uniram às vozes das companheiras que desenvolvem agricultura urbana no Paraná e território agroecológico do Polo da Borborema, no estado da Paraíba, para lutar e exigir acesso a sua terra e território, livres de empreendimentos internacionais que não respeitam os diferentes modos de vida.

No primeiro dia (01/05), foram recebidas pelas integrantes do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Solânea onde trocaram experiências sobre as ações que desenvolvem em seus territórios. Em seguida, em uma roda, as mulheres sistematizaram conceitos e valores que atravessam

Mulheres da Agrecologia no Rio de Janeiro levam sua pauta para Solânea (PB)

Leonídia Insfran, do Quilombo Dona Bilina na Marcha Mundial das Mulheres

suas vidas, como: "*Respeito, solidariedade aos pequenos agricultores da agricultura familiar*", a "*valorização da mulher como ponto de partida*" e a "*agricultura urbana como uma forma de resgate de tradições locais, junto a comunidades urbanas*".

Neste encontro, as mulheres também partilharam as suas dificuldades em atuar em seus territórios e pontuaram: A invisibilidade de atividade enquanto agriculturas, o machismo e a ausência de política pública direcionada às mulheres do campo.

No segundo dia (02/05) em ato público na Praça 26 de setembro, município de Solânea, as mulheres seguiram na Marcha Pela Vida das Mulheres e pela a Agroecologia que neste ano teve como tema "*Mulheres em Defesa do Território*" . O lema da Marcha teve por objetivo repudiar a implementação desses grandes empreendimentos que causam enormes prejuízos às famílias da agricultura familiar camponesa.

Mulheres dos estados do Rio Grande do Norte e de Pernambuco, atingidas pela chegada dos parques eólicos em seus territórios, trouxeram fortes depoimentos sobre os danos que vêm junto a falsas promessas de desenvolvimento para as comunidades

Intercâmbio de Mulheres permitiu troca de experiências e desafios dos territorios

rurais. Desde o aumento nos casos de ansiedade e problemas de saúde, a morte de animais e riscos às casas.

O terceiro e último dia (03/05) de intercâmbio começou com uma visita ao Sítio São Miguel, em Esperança, onde estão localizados o escritório da AS-PTA na Paraíba e também o escritório do Polo da Borborema, onde foram recebidas pelas equipes e por Roselita Vitor, que apresentou os materiais produzidos e um pouco da história da constituição do polo. Em seguida foram recebidas por Lia em Juá de Cima, no município de Alagoa Nova.

Na casa de Lia, conheceram o histórico de organização comunitária através dos fundos rotativos

Na foto, Adeilza (Juá de Cima- PB), Antônia (Mulheres de Pedra), Maria (Juá de Cima- PB), Elza (Paraná)

solidários. Do quintal produtivo de Lia, a caminhada seguiu até a mini-casa de farinha de Tereza, também na comunidade de Juá de Cima. O espaço de beneficiamento atende muitas famílias, que estão organizando um campo de plantio conjunto. O dia terminou com visita ao Banco Mãe de Sementes e à cozinha-escola, para conhecer um pouco da luta e organização das mulheres do Polo da Borborema, a criação da Comissão de Saúde e Alimentação e a importância da ação em rede no enfrentamento às violências.

O intercâmbio foi marcado por trocas de experiências, conhecimentos e emoções, as mulheres que participaram da Marcha voltaram para seus territórios com sentimento de agradecimento pelas partilhas e compromisso em divulgar as experiências vividas.

A **Folha Informativa** é um material de comunicação institucional do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta. O objetivo é sistematizar as ações e garantir a apropriação e desenvolvimento de uma cultura de controle social e transparência sobre iniciativas de projetos patrocinados.

Coordenação Editorial
Bruna Távora e Ingrid Pena

Produção de Conteúdo
Murilo Holanda e Equipe do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA

Diagramação
Pedro Biz

Clique e acesse as edições anteriores:

Boletim 1
Boletim 2
Boletim 3
Boletim 4
Boletim 5
Boletim 6
Boletim 7
Boletim 8
Boletim 9
Boletim 10

PROJETO SERTÃO CARIOCA
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA

O Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta é realizado pela AS-PTA em parceria com o Quilombo Cafundá Astrogilda Ferreira, Quilombo do Camorim e Quilombo Dona Bilina. Tem o patrocínio da Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental.

Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA que executa o projeto

Lideranças Territoriais e Agentes Comunitários
Sandro Santos e Maria Lúcia Mesquita, Alice Franco e Rosilane de Almeida.

Coordenador Geral do Programa de Agricultura Urbana e Supervisor Metodológico do projeto
Márcio Mendonça

Coordenadora geral do Projeto
Ingrid Pena

Coordenadora Social
Caroline Santana

Assessoras Agrícolas
Renata Souto e Letícia Ribeiro

Assessoras de Comunicação
Bruna Távora e Mariana Portilho

Assistente financeiro e de tesouraria
Camilla Lima e Bárbara Batista

Estagiários
Marina Pellegrini, Geovana de Melo, Michel Cole, Adilson Júnior, Caroline Rodrigues e Thaís Martins

Para saber mais:
www.aspta.org.br
http://projetosertaocarioca.wordpress.com
Instagram: @agroecologiaaspta
Facebook :asptaagroecologia
E-mail: comunicasertao@aspta.org.br

REALIZAÇÃO

AS·PTA
agricultura familiar e agroecologia

PARCERIA

QUILOMBO DONA BILINA
COMUNIDADE REMANESCENTE

QUILOMBO VARGEM
COMUNIDADE CAFUNDÁ ASTROGILDA

ACUQCA
Associação Cultural Quilombo do Camorim

Embrapa

10 ANOS
Rede Carioca
de Agricultura Urbana

PATROCÍNIO

BR PETROBRAS